

2021 entre os sete anos mais quentes

Registros históricos se sucedem desde 2015 e, segundo estudiosos do clima, são resultados de bases de dados inquestionáveis. As constantes emissões também recorde de gases do efeito estufa indicam que o fenômeno deve continuar

» PALOMA OLIVETO

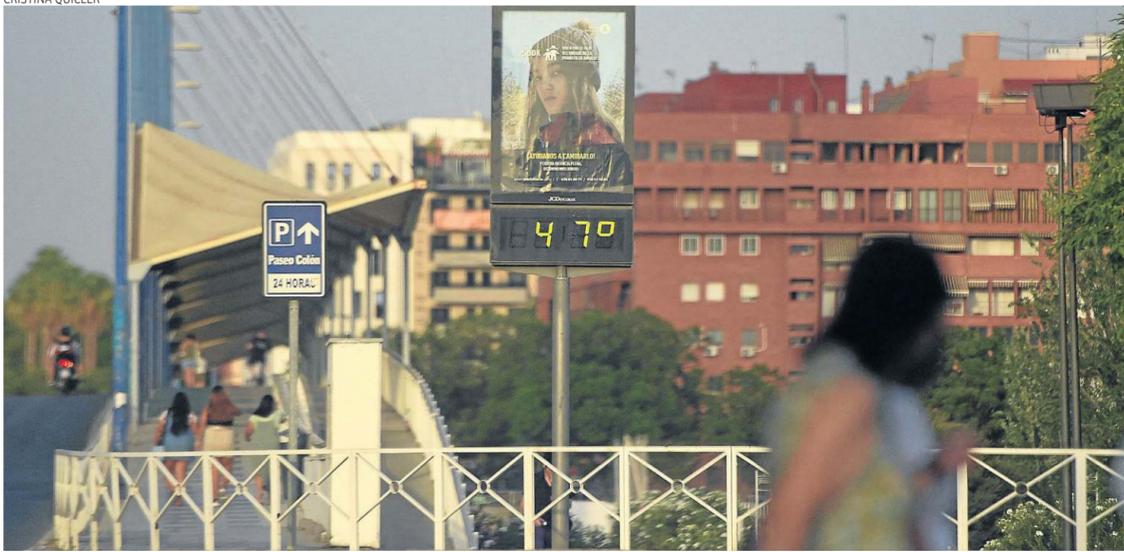
Nem o resfriamento provocado pelos eventos La Niña desde 2020 conseguiu evitar que 2021 tenha sido um dos sete anos mais quentes já registrados na história, segundo uma compilação de seis conjuntos de dados internacionais realizada pela Organização Meteorológica Mundial (OMM), das Nações Unidas. O documento, divulgado ontem, faz o alerta: os níveis recorde de emissão de gases de efeito estufa na atmosfera não apontam para uma reversão dessa tendência.

Os dados — considerados por especialistas inquestionáveis, devido ao volume e à qualidade das pesquisas apresentadas — mostram que a temperatura média global no ano passado foi 1,11°C acima dos níveis pré-industriais. Segundo o relatório, 2021 é o sétimo ano consecutivo em que os termômetros mundiais ficaram mais de 1°C acima do registrado no século 19.

“O ano de 2021 será lembrado por uma temperatura recorde de quase 50°C no Canadá, comparável aos valores relatados no quente deserto do Saara da Argélia, chuvas excepcionais e inundações mortais na Ásia e Europa, bem como seca em partes da África e da América do Sul”, disse, em nota, Petteri Taalas, secretário-geral da OMM. “Os impactos das mudanças climáticas e os perigos relacionados ao clima tiveram impactos devastadores e de mudança de vida nas comunidades em todos os continentes.”

O relatório destaca que, desde os anos de 1980, cada década tem sido mais quente que a anterior. E o esperado é que a tendência se mantenha. Os sete anos com temperaturas mais elevadas foram todos desde 2015, com 2016, 2019 e 2020 constituindo os três primeiros. “Eventos consecutivos de La Niña (que resfriam o planeta) significam que o aquecimento de 2021 foi relativamente menos pronunciado em comparação com os

CRISTINA QUICLER



Altas temperaturas na Espanha: continente europeu tem sido cada vez mais atingido pelo calor extremo

últimos anos. Mesmo assim, 2021 ainda foi mais quente do que os anos anteriores que sofreram influência do mesmo fenômeno. O aquecimento geral de longo prazo como resultado do aumento dos gases de efeito estufa é, agora, muito maior do que a variabilidade ano a ano nas temperaturas médias globais causada por fatores climáticos naturais”, disse Taalas.

A OMM usa conjuntos de dados com base em registros climatológicos mensais de locais de observação, além de navios e boias em redes marinhas globais, desenvolvidos e mantidos pela Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (NOAA), pelo Instituto Goddard de Estudos Espaciais da Nasa (Nasa GISS), pelo Met Office Hadley Center, do Reino Unido, pela Unidade de Pesquisa Climática da Universidade de East Anglia (HadCRUT) e pelo grupo Berkeley Earth. A agência da ONU também usa conjuntos de dados de reanálise do Centro Europeu de

Previsões Meteorológicas de Médio Prazo e seu Serviço de Mudança Climática Copernicus e da Agência Meteorológica do Japão (JMA).

Palavra de especialista

"Território terrível"

“Os indicadores climáticos de todo o mundo, compilados no relatório, são todos consistentes com um planeta aquecido pelos inexoráveis aumentos nas concentrações de gases de efeito estufa causados pelas atividades humanas. O calor está se acumulando nos oceanos que, com a adição de água derretida das

geleiras e das camadas de gelo, está elevando o nível do mar. Nos locais em que, naturalmente, já são geradas ondas de calor, secas e inundações, esses fenômenos agora são mais severos devido ao clima mais quente. Sem cortes rápidos, fortes e sustentados nas emissões de gases de efeito estufa que devem ser

acordados nas futuras reuniões climáticas, a cada ano continuaremos a ver mais documentos sobre o nosso clima apontando para um território ainda mais terrível.”

Richard Allan, professor de ciências climáticas da Universidade de Reading, no Reino Unido

Ação humana

A reanálise combina milhões de observações meteorológicas e marinhas, inclusive de satélites, com

valores adicionais de modelos para produzir uma compilação completa da atmosfera. “Esse estudo usa as melhores informações disponíveis em todo o mundo para avaliar os registros de temperatura global e classifica 2021 entre os sete anos mais quentes já registrados. Espero que a OMM comece a visão mais precisa sobre o clima

e, como cientista marinho trabalhando em respostas biológicas ao aquecimento, essa análise é confiável e preocupante”, avalia Martina Doblin, pesquisadora do Grupo de Mudanças Climáticas da Universidade Tecnológica de Sydney, na Austrália. Para a pesquisadora, que não contribuiu com o relatório, o registro de

temperatura disponível, hoje, é “longo o suficiente para que os cientistas possam atribuí-lo ao aquecimento antropogênico em oposição à variabilidade natural”. “Sabemos que o aquecimento não está ocorrendo de maneira uniforme em todo o mundo. No entanto, as temperaturas recorde crescentes já estão causando danos aos ecossistemas marinhos, com impactos bem documentados do branqueamento de corais e perda maciça de biodiversidade durante as ondas de calor marinhas. Como os organismos responderão a mudanças mais frequentes, extremas e imprevisíveis em seu ambiente ainda é pouco conhecido”, diz.

Fatores desregulados

A temperatura é apenas um dos indicadores das mudanças climáticas. Outros incluem concentrações de gases de efeito estufa, calor oceânico, pH oceânico, nível médio global do mar, massa glacial e extensão do gelo marinho, e todos esses fatores estão desregulados, numa demonstração de que as ações humanas atingem o clima como um todo, destacam especialistas. “Embora os números do relatório da OMM não sejam uma grande surpresa para os cientistas do clima, eles são, no entanto, chocantes, profundamente perturbadores e mais um alerta para os líderes mundiais de que o tempo se esgotou para conversar”, acredita Jonathan Bamber, professor de glaciologia na Universidade Técnica de Munique.

“O nível do mar está subindo mais rápido agora do que em qualquer outro momento nos últimos dois milênios”, exemplifica Bamber. “Se continuarmos em nossa trajetória atual, esse aumento pode deslocar cerca de 630 milhões de pessoas em todo o mundo até 2100. As consequências disso são inimagináveis. O que é necessário, agora, é uma ação profunda e abrangente de todas as nações e estados para limitar o colapso climático ainda mais profundo.”

COVID-19

Dois terços das reações às vacinas ocorrem por efeito psicológico

Apesar das evidências de que as vacinas são a forma mais eficaz de se evitar a covid-19, muitas pessoas evitam o imunizante, mesmo correndo riscos, porque temem os efeitos colaterais da substância. Porém, segundo um estudo publicado na revista *Jama Network Open*, mais de dois terços das reações adversas reportadas, como dor de cabeça e fadiga, são uma versão negativa do efeito placebo, o chamado nocebo.

No estudo, eles compilaram dados de 12 ensaios clínicos de várias vacinas para a covid e compararam a prevalência dos efeitos colaterais sistêmicos, como febre, dor de cabeça ou fadiga, além dos locais, como dor e inchaço no braço, reportados entre os que foram realmente imunizados com a vacina e aqueles que receberam uma substância salina.

Os dados indicaram que, após a primeira injeção, mais de 35% das pessoas nos grupos placebo sentiram os chamados efeitos colaterais “sistêmicos” e 16% relataram dor no braço ou outro sintoma no local da injeção. Como esperado, os que, de fato, receberam o

imunizante eram mais propensos a sofrer as reações adversas (46% relataram sintomas sistêmicos e dois terços sentiram dor no braço).

Ao analisar os efeitos colaterais após a segunda injeção, os pesquisadores descobriram que a taxa de dores de cabeça ou outros sintomas sistêmicos era quase duas vezes maior no grupo da vacina, em comparação com o placebo: 61% e 32%, respectivamente. A diferença foi ainda maior para as sensações locais: 73% contra 12%.

Considerando o alto percentual de pessoas do grupo placebo que relataram reações adversas, os pesquisadores fizeram cálculos estatísticos e estimaram que cerca de dois terços dos efeitos colaterais reportados por quem, de fato, tomou a vacina, são causados pelo efeito nocebo. Embora não possam provar essa afirmação, os cientistas acreditam que os médicos deveriam esclarecer melhor os pacientes sobre possíveis reações dos imunizantes, porque acreditam que, bem informadas, as pessoas são menos propensas a experimentar sensações causadas não pela substância, mas pela ansiedade.

GUILLAUME SOUVANT



Tratamentos

Dois estudos independentes divulgados ontem demonstraram a eficácia de tratamentos para pessoas com covid leve a moderada. Um deles, publicado no *Canadian Medical Association Journal*, mostrou que o antiviral remdesivir reduz a necessidade de ventilação mecânica em pacientes hospitalizados, comparado à terapia padrão. A pesquisa, liderada pela Universidade de British Columbia e pelo Centro de Ciências da Saúde

Sunnybrook, constatou que 8% das pessoas nas quais o medicamento foi aplicado necessitaram do apoio para respirar, contra 15% das demais.

Além disso, os pacientes tratados com remdesivir conseguiram sair do oxigênio e dos ventiladores mais cedo do que aqueles que receberam cuidados padrão. “Isso pode ter implicações importantes para os pacientes e para os sistemas de saúde, principalmente quando a capacidade das UTIs, de ventilação mecânica ou oxigênio estão em oferta limitada”, observou, em

Cientistas testaram a maioria das fórmulas aplicadas atualmente contra o coronavírus

nota, Srinivas Murthy, da Universidade de British Columbia.

O outro estudo, publicado no *British Journal of Clinical Pharmacology*, examinou o impacto do anticoagulante heparina, em uma versão inalatória, em 98 pacientes hospitalizados com covid. A forma nebulizada do medicamento resultou em uma melhora respiratória de até 70%, disseram os autores, em um comunicado. “Essa droga já está disponível em hospitais de todo o mundo e é muito barata. Se for tão eficaz quanto nossos resultados sugerem, isso pode ter um grande impacto na luta contra a covid”, afirmou o principal autor, Frank van Haren, da Universidade Nacional Australiana.

Em um comentário independente divulgado pelo site Science Media Center, o professor de farmacoeconomia Stephen Evans, na Escola de Higiene e

» Amamentação segura

Um estudo liderado por pesquisadores da Universidade da Califórnia (Ucla) não encontrou evidências de transmissão do Sars-CoV-2 através do leite materno. Os autores descobriram que, embora uma pequena proporção de amostras de mães recém-infetadas contivesse material genético do coronavírus, isso não se traduziu na presença de partículas virais replicantes infecciosas ou levou a evidências de infecção pelo causador da covid em bebês lactantes. O estudo foi publicado na revista *Pediatric Research* e realizado com 110 mulheres.

Medicina Tropical de Londres, destacou que ainda são necessárias muito mais pesquisas antes que as decisões de tratamento possam ser tomadas com base nessa descoberta. “Os pacientes tiveram sinais de algumas melhorias, mas o estudo está longe de justificar o uso rotineiro da heparina inalatória”, considerou. (PO)